

BENASSI, C. A. “As Marias lá de casa”: as Senhoras Ancestrais **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, Cuiabá, v. 3, n. 2, jul-dez, 2018.

“AS MARIAS LÁ DE CASA”

As Senhoras Ancestrais

um conto de Cao Benassi (Claudio
Alves Benassi)



Vô Maria Matos.
Foto: Célia Soares

O dia começara quente. De fato, os últimos meses foram os mais difíceis para o debilitado médium que convalescia tendo quase sempre ao seu lado o tagarela Juninho, seu “bineto” querido. Noutros tempos, o ranzinza e rabugento velhote passava os dias a reclamar, fazendo questão de deixar bem claro o horror que era viver. Aquela doença – que outrora qualificava como maldita – endurecera-lhe os dedos, dificultando tarefas simples do dia-a-dia, como, por exemplo, segurar o talher para se alimentar, além de prendê-lo naquela cama, da qual raramente se levantava.

Mesmo com toda dificuldade imposta pela enfermidade, sentia-se agradecido. Conseguia agora até brincar com a situação. O médium “calou” por um instante os seus pensamentos. De olhos fechados, respirou fundo e, com profunda gratidão, agradeceu a Oxalufã e brincou:

– Finalmente grande, encurvado e lento como tu és! Com todo respeito, meu Pai. Tu sabes que é só uma piadinha! Quem sou eu para ser grande como tu o és!

Sorriu. Lembrou de toda sua caminhada, das lições de vida e da transformação pela qual passara durante todos os longos anos de dedicação ao trabalho na prática do amor e da caridade e, conseqüentemente, no trabalho docente. Uma lágrima escorreu pelo enrugado rosto, enquanto levanta a trêmula mão para enxugá-la. A emoção que lhe enchia o peito, escapou-lhe pelos olhos, sem que o bondoso homem pudesse contê-la.

Como se tornara rotina nas últimas semanas, sua respiração estava ofegante. Uma repentina crise de tosse aflige o convalescente senhor, enquanto o querido e preocupado Juninho entra aos pinotes no quarto, com olhos arregalados e brada:

– Mamãe, mamãe: acuda “bivô”!

O gentil bivô trata logo de acalmar o bineto assegurando-lhe que tudo estava bem. Lentamente, a situação se normaliza. Juninho pula na beirada da cama que sustem o velho. A querida Liliana entra e ralha com seu filho. O bom velho sorri e afirma estar tudo bem: o garoto afaga-lhe o braço, fazendo-o lembrar da prima Jô, muitos anos atrás a afagar o braço “sanfonado” da querida vó Nica. O garoto, com ar de traquina e olhos de pidão, interpela o querido bivô:

– Bivô, conta a história das Marias?

– É uma história com muitas facetas, meu bineto!

– Bivô, conta aquela que tem as Senhoras Ancestrais!

– Tudo bem, meu trifilho! Tá preparado?

– Humrum! Prontíssimo, bivô!

– Já te falei das Marias lá de casa que te dão a mão, uma atrás da outra nas gerações que vieram antes de você: sua mamãe e, ao lado dela, suas tias; atrás dela, sua vó e ao lado dela, suas tivós; e assim por diante. Mulheres fortes, valentes, guerreiras que fizeram nossa família de sangue prosperar e, se você existe hoje, foi essa corrente de Marias de mãos dadas que o trouxe aqui!

– Bivô... fala de como a tatavó espiritual te deu a mão!

O debilitado senhor marejou os olhos d’água. Com a voz quase embargada, continuou:

– Sua tatavó Maria Matos entrou em nossas vidas num momento meu muito complicado.

Complicado mesmo, mas foi transformador! Devo o ser humano esclarecido, paciente e mais virtuoso que sou hoje, aos seus ensinamentos.

– Bivô sofreu muito naquela época, né?

– Sim, meu lindo! Desde pequenino como tu, eu já tinha mediunidade. Já via e ouvia muita coisa, porém eu não entendia. Cresci e com isso minha mediunidade se manifestou de forma muito desordenada. Fui até hospitalizado por isso. Não que a mediunidade seja um mal na vida de quem a porta, meu filho... só precisava de cuidados e orientação. Conheci o espiritismo Kardecista, que me ajudou muito, graças a Deus. Mas eu sentia que faltava algo...

– Faltava você desenvolver e trabalhar na prática do amor e da caridade, né bivô?!

– Sem dúvida! Foi quando um anjo sem asas, enviado por Deus, me levou ao Centro Espírita de Umbanda Pai Jeremias. Minha história seria totalmente mudada por meio do trabalho e da orientação espirituais de sua tatavó espiritual. Naquela época, meu filho, eu estava muito mal. A vida estava uma complicação só... Cheguei ao terreiro, totalmente ressabiado, com medo e ao mesmo tempo curioso. Naquele dia, me consultei com duas Pretas Velhas que me disseram ter uma coroa muito luminosa. Voltei ao terreiro nas semanas seguintes, ainda tentando me livrar dos preconceitos adquiridos ao longo da vida contra a Umbanda.

– Você pensava que era coisa do “Coisa Ruim”, né, Bivô!?

– Sim! Por orientação da Preta Velha Mãe Zeferina, pedi permissão a sua tatavó espiritual para trabalhar naquela seara. Minha vida, a partir dali, começaria a mudar completamente, meu bineto querido. Sua tatavó tinha um coração onde cabia muitos mundos. O amor dela pela Umbanda e pelos seus filhos de fé era contagiante: jamais me esquecerei. Diante do meu pedido, não pensou duas vezes em me acolher...

O atento menino interrompe o lúcido senhor:

– Tatavó vivia de mãos dadas com Nossa Senhora da Conceição. É muito amor, é amor de Deus!

– Sem dúvida alguma, meu querido! Toda minha vida mudaria para melhor a partir daquele sim, pronunciado em meio a um doce sorriso: um sorriso de Mãe. Eu jamais podia pensar que pelos olhos daquela Maria, a quem naquele dia eu dava minhas mãos e a colocaria em nossa família espiritual, pudesse transformar-me como ser humano. Os braços que me acolheram foram os braços de todas as Marias, todas as Senhoras Ancestrais e Divinas! Os olhos que me olharam foram também das Divindades de Deus, de Olorum, de Zambi, de Vixenu, de Javéh: de nosso Pai Maior.

– Simplesmente de Deus, né, bivô?!

– Sim, meu lindo! De forma que cheguei à conclusão que nunca fora tão bem acolhido, como fora naquela casa santa. Sua tatavó espiritual me deu a mão e por ela eu tive o mais genuíno encontro com Deus.

– Como no encontro do guerreiro Seu com Vixenu: o Deus Krishina, bivô?!

– Exatamente! Quando Seu encontra-se com Vixenu, meu filho, ele pede para ver Deus (Vixenu) em sua plenitude, e este se revela a ele. Seu se diz abraçado por milhões de braços divinos, milhares de bocas falam a ele, assim como milhares de olhos de Vixenu/Krishina veem Seu: exatamente assim todas as Marias Ancestres me abraçaram, me olharam. Todas as bocas das Senhoras ancestrais me orientaram, todos os olhos me viram, por meio dos braços, da boca e dos olhos de sua tatarvó, meu filho! Aquele dia eu jamais vou esquecer!

– Que lindo, bivô! Sua história é muito linda... Quando crescer, quero ser igual a você, bivô: um grande homem! Nunca se esqueceu de ninguém que te estendeu a mão. Seus padrinhos e madrinhas, a tatarvó, o tio que te apresentou ao centro, os guias que te acolheram e os que te escolheram e trabalharam contigo. É tudo muito lindo!

– Sim. É, meu trifilho! Tudo isso foi possível graças ao trabalho incansável de sua tatarvó espiritual. Assim como eu, muitos outros filhos nasceram espiritualmente de sua tata. Tantos que eu não sei contar, conheci uma mínima parte deles. E todos eram tratados com o mesmo amor, com o mesmo desvelo, meu bineto.

Ao dizer isto o debilitado senhor fecha os olhos e fica em silêncio por alguns instantes. Sua respiração se torna ofegante e, novamente, o médium tosse. Juninho se preocupa, mas logo é tranquilizado pelo amado bivô, que o observa por alguns minutos com profundo interesse, antes de continuar sua elucubração:

– A dedicação e a força de sua tata espiritual na condução daquela seara era de fazer gosto em qualquer um, meu filho! O amor com que cuidava de nossas coroas era o mesmo com que nos orientava e nos doutrinava quando era preciso...

– Tata tinha a irradiação do trono da justiça divina, né, bivô?!

– E como tinha, meu filho! Não só do trono da justiça: todos os sete tronos da irradiação do poder de Deus, meu querido: o conhecimento, com o qual nos guiava e nos orientava na seara do bem; a lei, com a qual matinha tudo sempre dentro da normalidade e da decência, segundo a ordenação divina; o amor que sempre inundou nossas vidas, que transformou tantas existências, como foi comigo: essa irradiação... Não teve um só momento em que convivi com sua tata e ela não se fizesse presente; a geração divina, que nos trazia todas as oportunidades de crescimento espiritual que precisávamos; a elevação por meio da qual nos aproximamos de Deus; e, por último, a fé divina, sem a qual, meu filho, não é possível agradar nosso Senhor, nosso Pai Maior. Sua tata era uma mulher sábia, amável e uma grande professora da fé. Esteve a serviço da Lei Maior, formou grandes filhos na fé e na lei divina, uma missão gloriosa, meu filho!

– Que lindo, bivô, é inspirador! Bivô, tata tá na Aruanda? É verdade que você vai pra Aruanda também? Bivô me leva junto?

O velho e debilitado senhor engole seco, cafunga duro e, sem saber o que dizer, desconcertado, meneia a cabeça afirmativamente. Uma lágrima furtiva lhe desce pela face. Como continuar aquela conversa? Talvez não conseguisse nem disfarçar que aquelas perguntas o deixaram num beco sem saída. Para sua sorte, Liliana entra no quarto e os interrompe. Reposiciona a cama na qual o senil homem está deitado, enquanto ergue novamente o prato de sopa numa das mãos:

– Tá na hora de sua sopinha, vovô! – ela informa.

E Juninho a interpela:

– Mamãe, deixa eu fazer aviãozinho no Bivô? Deixa, mamusca!



Vó Maria Matos.
Foto: Célia Soarea